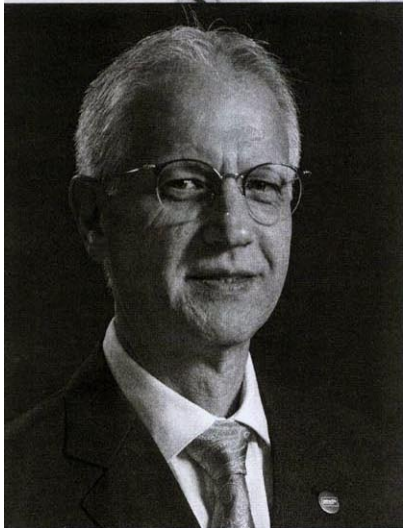
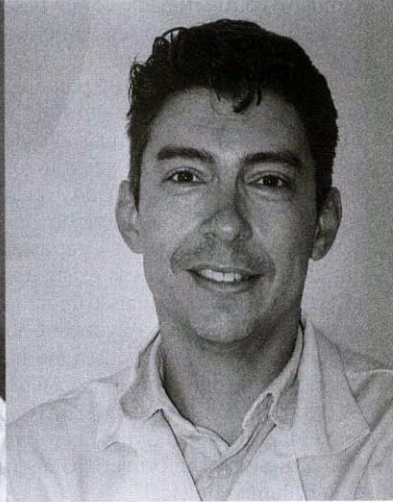
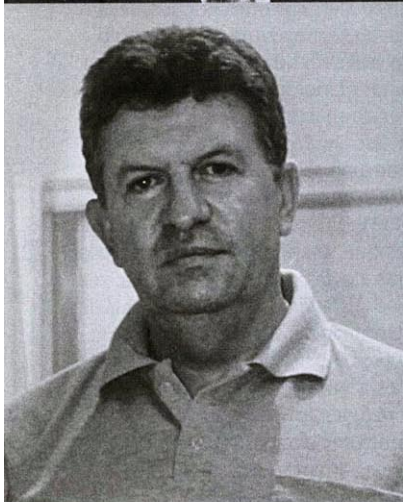
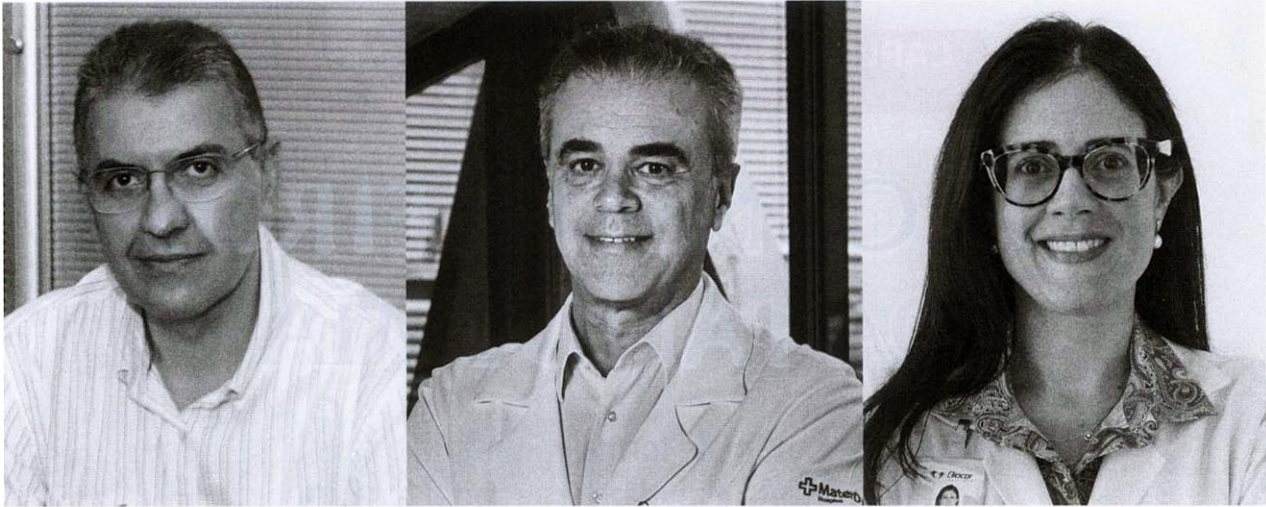


CAPA / MINEIROS DO ANO 2020 | ESPECIAL SAÚDE

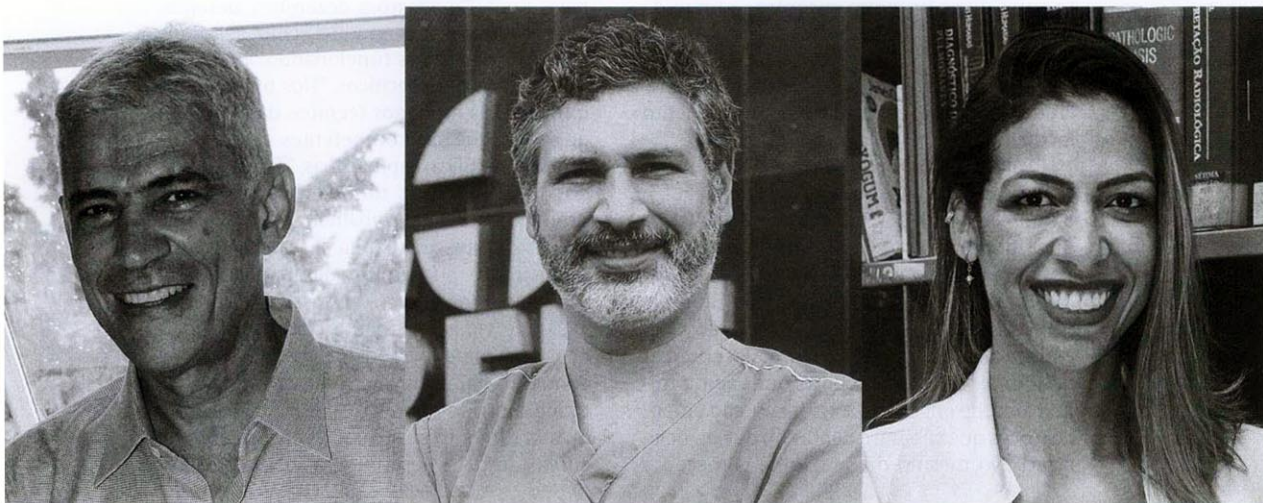


ELES FORAM ESSENCIAIS EM 2020





Como fazemos todos os anos, no meio do segundo semestre de 2020 a redação de Encontro se reuniu para começar a pensar na já tradicional edição especial “Mineiros do Ano”. E vimos que foram muitas as personalidades do estado que se destacaram em suas áreas de atuação. Mas não é exagero falar que de cada 10 nomes sugeridos, nove eram de uma área específica que dominou o noticiário e as conversas (muitas em tom aterrorizado), além das ações dos governantes mundo afora: a saúde. Por isso, a decisão de fazermos um “Mineiros do Ano” especial. Trazemos nas próximas páginas figuras que tornaram o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus um pouco menos dramático. Há desde o trio de infectologistas que ajudou a prefeitura a pensar nas ações de combate à Covid-19 ao dono de uma empresa de soluções para transporte que criou e produziu, em tempo recorde, um respirador de baixo custo – equipamento essencial para salvar vidas. Com a homenagem aos personagens a seguir, fica o nosso aplauso a todos que estão na linha de frente ou nos bastidores do enfrentamento ao vírus. Com a certeza de que sua atuação continuará imprescindível neste 2021.



FOTOS: Geraldo Goulart, Pádua de Carvalho, Pedro Vilela/Agência I7/divulgação, Fábio Marchetto/divulgação, Nitro Imagens/divulgação e Arquivo Pessoal

CAMILA ISONI

FORÇA E FÉ NO COMPANHEIRISMO

Coordenadora da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Unimed Betim e do Centro de Terapia Intensiva – CECOVID do Hospital Regional de Betim, duas referências da região, ela cita o cansaço dos profissionais de saúde como um dos maiores desafios dos dias atuais

▀ DANIELA COSTA

Desde que o novo coronavírus foi detectado no Brasil pela primeira vez, em fevereiro de 2020, os dias de medo e insegurança não cessam. Os meses se passaram, mas pouca coisa mudou. Para os profissionais da saúde, o desafio de lidar com uma doença desconhecida e altamente contagiosa continua, assim como a certeza de que ainda não existe um tratamento definitivo. “Isto significa que não há remédios com eficácia comprovada para evitar o seu aparecimento e que a terapêutica é de suporte”, diz a médica intensivista Camila Armond Isoni Pedra, de 36 anos, coordenadora da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Unimed Betim e do Centro de Terapia Intensiva – CECOVID do Hospital Regional de Betim.

Junto a isso, diz Camila, a escassez de médicos intensivistas para compor as equipes de UTIs em plena expansão nas inúmeras redes hospitalares torna o cenário ainda mais nebuloso. “Mesmo tendo tido o privilégio de poder trocar experiências com especialistas europeus que já vivenciavam a pandemia antes de nós, somente passando por ela é que tivemos a dimensão da sua gravidade.” Com o decorrer dos dias, conta ela, o sentimento de equipe foi se consolidando e renovando as forças daqueles que travam uma batalha sem precedentes contra o tempo em prol da vida. Mesmo que para isso a cada minuto suas próprias vidas sejam colocadas à prova. “A Covid-19 me trouxe um senso maior de empatia e de humanidade. Passei a controlar mais minha ansiedade e a viver um dia de cada vez. Percebi que não podemos controlar absolutamente nada.”

A rotina da médica e de vários de seus colegas, inclui assistir pacientes sendo isolados em unidades fechadas e ouvir o choro desesperado dos familiares ao imaginar que talvez nunca mais consigam vê-los. Aos familiares daqueles que não sobrevivem, a doença rouba também o direito à despedida. “É impossível não se comover e

não perceber o cansaço dos profissionais da saúde envolvidos.” Para eles, é sofrido colocar, diariamente, vários pacientes de braços, realizar procedimentos invasivos e cálculos matemáticos para escolher a melhor forma de manejar o respirador e, mesmo assim, perceber que no final, a batalha foi perdida. Não bastasse isso, saber que em poucos minutos aquele mesmo leito será ocupado por outra pessoa, na mesma condição, e começar tudo de novo. “Convidaria, se fosse possível, cada mineiro a acompanhar nossa rotina. Talvez assim, se conscientizassem sobre a importância de cada um fazer a sua parte e adotar os cuidados preventivos.”

A médica vê a chegada das vacinas com bom olhos, como forma de controlar a expansão da doença. Mas acredita que elas não serão capazes de extinguir o vírus. “Por isso a mudança de hábitos é tão importante. É preciso entender que nossos atos impactam diretamente sobre a vida de outras pessoas”. Ela mesma segue fazendo sacrifícios. No ano passado, viu a mãe apenas três vezes e, mesmo assim, à distância. Convive com a dor de desconhecidos e com a própria dor de ter de se manter isolada daqueles que ama. Para revigorar as forças e distrair a mente, pratica corrida. Além de não abrir mão do consolo espiritual que sua convicção religiosa (ela é espírita) lhe traz. ■

PERFIL

CAMILA ISONI
36 ANOS
NASCEU EM BELO
HORIZONTE (MG)
CASADA

Coordenadora da UTI do Hospital da Unimed Betim e do Centro de Terapia Intensiva – CECOVID do Hospital Regional de Betim
Graduada em Medicina pela Ciências Médicas de Minas Gerais, fez Terapia Intensiva na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte
Possui título em Terapia Intensiva e Nutrição Enteral e Parenteral pela Sociedade Brasileira de Medicina Intensiva. Atua como instrutora dos cursos Fundamental Critical Care Support e Princípios de Ventilação Mecânica pela Sociedade Mineira de Terapia Intensiva

Revista Encontro Especial
Força e fé no companherismo
Página: 76 e 77 - Obs: Especial Saúde
Publicado: 01-01-2021



Camila Isoni, médica intensivista:
"A Covid-19 me trouxe um
senso maior de empatia e de
humanidade. Passei a controlar
mais minha ansiedade e a viver
um dia de cada vez"